

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO-UFMT  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS-ICHS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

***A existência segundo Tomás de Aquino***

**Sávio Laet de Barros Campos  
Cuiabá, 2010.**

**Sávio Laet de Barros Campos**

***A existência segundo Tomás de Aquino***

*Trabalho da disciplina Questões  
Filosóficas VI, do Prof. Dr. Angelo Zanoni  
Ramos do Curso de Especialização em  
Filosofia da Universidade Federal de Mato  
Grosso.*

**Cuiabá, 2010**

## Introdução

Este trabalho versa sobre a noção de existência no âmbito da ontologia tomásica. Trata do existir entendido enquanto ato de ser (*actus essendi*). O seu objetivo é realçar o contributo mais original que o pensamento tomásico legou à posteridade e, desta sorte, o que o distingue do pensamento dos seus predecessores, a saber, a sua *concepção do ser* como *actus existendi*, fundamento último do real. Quando fala da *filosofia do ser* tomasiana, declina Mondin:

(...) santo Tomás de Aquino tem uma perspectiva metafísica original: uma concepção do fundamento último do real que não é mais a de Platão, nem a de Aristóteles, nem a de Plotino, nem a de Agostinho ou Avicena.<sup>1</sup>

Ora, para desenvolvermos esta temática, teremos que definir alguns termos recorrentes na ontologia tomasiana: substância (*substantia*), essência (*essentia*), acidente (*accidens*), matéria (*materia*), forma (*forma*), ente (*ens*), ato (*actus*) e potência (*potentia*). Após procedermos à análise destes termos, tentaremos relacioná-los com o ser (*esse*). Destarte, abordaremos a questão da relação entre: ser (*esse*) e substância (*substantia*), ser (*esse*) e ente (*ens*), essência (*essentia*) e existência, ser (*esse*) e ato (*actus*) e ser (*esse*) e perfeição (*perfectio*).

Privilegiaremos, a título de fonte, a *Summa contra Gentiles* (1258 a 1264), na tradução brasileira de Odilão Moura, revista recentemente (1996) pelo Prof. Luis Alberto De Boni e a *Summa Theologiae* (1266-1274) – obra-prima do autor – máxime na sua “*Prima Pars*”, composta entre os anos 1266 a 1272. Transitaremos por esta última na sua mais recente tradução brasileira – empresa de fôlego das *Edições Loyola* – e que resultou no aparecimento de nove volumes, entre os anos de 2001 a 2006. No que concerne aos comentadores de Tomás, visitaremos o clássico *Le Thomisme. Introduction au Siystème de Saint Thomas D’aquin* (1919) de Étienne Gilson. Frequentaremos a *versão castelhana* (1951) desta obra – única autorizada do original francês – por Alberto Oteiza Quirino: *El Tomismo: Introducción a La Filosofía de Santo Tomás de Aquino*. Lançaremos mão também do intróito de

---

<sup>1</sup> MONDIN, Battista. **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica**. 2ª ed. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005. p. 227.

Luiz Jean Lauand, *Tomás de Aquino: vida e pensamento – estudo introdutório geral (e à questão “Sobre o verbo”)*, disponível na obra *Verdade e Conhecimento*, lançada pela *Martins Fontes*, em 1999.

Passemos à análise dos termos e temáticas mais recorrentes na ontologia tomásica.

## 1. A existência em Tomás de Aquino

### 1.1. Substância (*Substantia*) e essência (*Essentia*)

Permanecendo fiéis ao “método” de explanação de Tomás, segundo o qual “(...) todo o nosso conhecimento se origina a partir dos sentidos”<sup>2</sup>, começaremos por designar aqueles seres que nos são dados pela nossa mais imediata experiência sensível. Designá-los-emos com o termo: substância (*substantia*).<sup>3</sup> Estas substâncias constituem um todo completo a formar uma unidade ontológica passível de existir e ser *definida*. Ora, à substância, enquanto passível de *definição*, chamaremos de essência (*essentia*).<sup>4</sup>

Agora bem, dissemos que a substância forma uma unidade ontológica suscetível de ser definida. Dissemos ainda que esta unidade ontológica, enquanto passível de ser expressa num conceito (*conceptus*), será chamada de essência, e que esta essência (*essentia*) irá designar esta mesma unidade ontológica, ou seja, será ela que – enquanto expressa na *definição* –, irá dizer-nos o que é (*quid est*) a substância: “Exactamente la esencia es lo que la definición dice que es la

---

<sup>2</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Trad. Aimom- Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001. I, 1, 9, C: “(...) quia omnis nostra cognitio a sensu initium habet.”

<sup>3</sup> GILSON, Etienne. **El Tomismo: Introducción a La Filosofía de Santo Tomás de Aquino**. Trad. Alberto Oteiza Quirno. Buenos Aires: Ediciones Desclee de Brouwer, 1951. pp. 46 e 47: “Partiendo, com Santo Tomás, de los *entia*, o seres, que nos son dados por la experiencia sensible, los designaremos con el término ‘sustancias’.”

<sup>4</sup> *Idem. Ibidem.* p. 47: “Cuando la sustancia puede ser concebida como una y definida, toma el nombre de ‘esencia’. La *essentia* no es, pues, sino la sustancia em cuanto es susceptible de definición.” “Quando a substância pode ser concebida como uma e definida, toma o nome de ‘essência’. A *essentia* não é, pois, senão a substância enquanto é suscetível de definição.” (A tradução, para o português, é nossa).

sustancia”<sup>5</sup>. Portanto, será a essência (*essentia*), expressa num conceito (*conceptus*), que responderá à pergunta: “*quid sit?*”, isto é, será ela que nos irá fazer conhecer o que uma coisa (*res*) é, o seu *quid est*. Por conseguinte, enquanto expressa numa *definição*, a essência deverá ser chamada quiddidade (*quidditas*):

E, visto que aquilo pelo que a coisa é estabelecida no próprio gênero ou espécie é isto que é significado pela definição indicando o que a coisa é, daí vem que o nome de essência é transformado pelos filósofos no nome de quiddidade (...).<sup>6</sup>

### 1. 2. A substância como uma essência que existe por si

É costume definir o termo substância como sendo um “ser por si” (*ens per se*). Na verdade, esta definição, sem ser inexata, está, no entanto, incompleta. Com efeito, um “ser por si” (*ens per se*) que não possuísse qualquer outra *determinação*, não estaria apto para existir, salvo se ele fosse o seu próprio ser (*suum esse*), mas, neste caso, já não seria uma substância, e sim o *ipsum esse subsistens*. Entretanto, ainda não temos como saber se este ser existe ou não. Portanto, cuida afirmar que a substância é um modo de ser que, *delimitado* por uma essência, existe por si (*per se*).

Aliás, é exatamente porque a substância é algo *determinado* por uma essência, que ela é suscetível de ser *definida*. De fato, é da natureza da substância ser cognoscível, ou seja, passível de ser concebida. Mas o que torna uma substância cognoscível, isto é, suscetível de ser *definida* num conceito, é justamente o fato de ela ser uma *determinada* substância. E o que, por seu turno, assim a *determina*, é exatamente a sua essência. Por isso, uma definição mais adequada e restrita de substância, seria: a substância é uma essência ou quiddidade que é *por si*

---

<sup>5</sup> *Idem. Ibidem*: “Exatamente a essência é o que a definição diz que é a substância.” (A tradução é nossa).

<sup>6</sup> TOMÁS DE AQUINO. **O ente e a essência**. 2ª ed. Trad. Carlos Arthur do Nascimento. Rio de Janeiro: Vozes, 2005. I, 3. GILSON. **El Tomismo**. p. 47: “Significar lo que es una substância, é responder a la pregunta *quid sit*; por eso, en tanto está expresada en la definición, la esencia se llama ‘quiddidad’”. “Significar o que é uma substância, é responder à pergunta *quid sit*; por isso, enquanto está expressa na definição, a essência se chama ‘quiddidade’.” (A tradução, para o português, é nossa).

(*per se*). Do termo substância, diz Santo Tomás: “O que ele significa é a essência à qual pertence ser de tal modo, a saber, ser por si mesma (...)”<sup>7</sup>.

### 1.3. A substância como “ser por si” (*ens per se*): substância e acidentes

Resta ainda precisar o que significa, quando aplicado à substância, o termo “ser por si”. Ora bem, *ser por si*, quer significar, com relação à substância, que ela possui uma *unidade ontológica* que a distingue de todas as demais coisas, ou seja, que ela possui um ser distinto de todos os demais seres. Diz-se ainda que a substância existe por si, porquanto tal *unidade ontológica* concede-lhe todas as condições requeridas para que possa existir. E esta *unidade ontológica* lhe é conferida, antes de tudo, pela sua essência.<sup>8</sup>

Com efeito, toda substância é, deveras, detentora de todas as *determinações* necessárias para que possa existir.<sup>9</sup> No entanto, tais *determinações* não existem nelas do mesmo modo. Tomemos uma substância. Antes de qualquer coisa, o que a *determina*, conforme já dissemos, é a sua essência. Um homem, por exemplo. A primeira coisa que o *determina* enquanto tal é a sua essência ou quiddidade, isto é, o seu *quid est*, aquilo sem o qual ele não poderia ser *o que é, homem*. Trata-se, desta feita, daquelas *determinações* que serão expressas na sua própria *definição* de homem: *animal racional*.<sup>10</sup>

---

<sup>7</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. I, 3, 5, ad 1.

<sup>8</sup> É a essência (*essentia*) que dá à substância (*substantia*) as condições requeridas para que ela possa existir como tal substância. Entretanto, não compete à essência, como se verá mais adiante, conceder à substância o ato de ser (*actus essendi*) pelo qual ela se torna um ente (*ens*), isto é, um ser que existe, que tem e exerce o ato de ser (*actus essendi*).

<sup>9</sup> GILSON. **El Tomismo**. pp. 47 e 48: “Se dice que existe por sí, porque constituye una unidad de ser distinta de toda otra y por contener en sí todas las determinaciones para su existencia.” “Diz-se que existe por si, porque constitui uma unidade de ser distinta de toda outra e por conter em si todas as determinações requeridas para sua existência.” (A tradução, para o português, é nossa).

<sup>10</sup> *Idem. Ibidem*. p. 48: “Sin embargo sus diversas determinaciones no existen en él con el mismo título nin de la misma manera. Están primeiro aquéllas sin las cuales no podríamos darle el nombre de hombre. Tales son las determinaciones que expresan las definiciones.” “Sem embargo, suas diversas determinações não existem nela com o mesmo título, nem da mesma maneira. Estão primeiro aquelas sem as quais não poderíamos dar-lhe o nome de homem. Tais são as determinações que expressam as definições.” (A tradução, para o português, é nossa).

Entretanto, ao verificarmos um homem concreto, a saber, uma *substância racional* concretamente realizada, perceberemos que tal substância é também dotada de outras tantas *determinações* complementares que não são senão exigências intrínsecas daquela sua *determinação* primeira, vale dizer, da sua essência. Com efeito, todo homem, exatamente por ser um *animal racional*, precisa ter um *corpo*, e este *corpo*, por sua vez, precisa ter *sangue*, *ossos*, etc. Por conseguinte, também necessita ocupar um lugar no *espaço* e estar sujeito ao *tempo*. Ora, são essas *determinações* complementares que designamos com o nome de acidentes (*accidens*).<sup>11</sup> E é ao sujeito (*subiectum*) de todas estas *determinações* complementares que chamamos substância. Na verdade, é este sujeito que, na sua integralidade, existe por si.

Todavia, conquanto concretamente não consigamos distinguir uma substância dos seus acidentes, devemos notar sempre que todos estes acidentes existem na substância, por ela e para ela, mas não o contrário. Com outras palavras, os acidentes pertencem à substância, e não vice-versa. Porém, não se trata de pensar que os acidentes sejam como meros agregados da substância, pois isto também comprometeria a *unidade existencial*, inerente a toda substância enquanto tal. Os acidentes, na verdade, não têm existência própria fora da substância. A única forma de eles existirem é na substância e pela substância. Mas todos estes, quer dizer, a substância e os seus acidentes, existem, por sua vez, em virtude de um *ato único de existir*, que será o *ato de existir* (*actus existendi*) da substância completa, isto é, da sua essência e das suas *determinações* complementares. A falar com máxima exatidão, será justamente este *ato único de existir* que dará existência à substância na sua inteireza e unicidade.<sup>12</sup> Contudo, ainda nos falta determinar a procedência de tal ato de existir.

---

<sup>11</sup> *Idem. Ibidem*: “Supongamos esta sustancia concretamente realizada: todas las determinaciones complementarias lo estarán al mismo tiempo, y lo estarán por ella. Por ser un animal, un hombre deve tener cierto color y cierta talla ocupara necesariamente en el espacio cierto lugar y cierta posición relativa. Llámase *sustancia* al sujeto de estas determinaciones complementarias, que a su vez reciben el nombre de *accidentes*.” “Suponhamos esta substância concretamente realizada: todas as determinações complementares estarão nela ao mesmo tempo, e estarão nela por ela. Por ser um animal, um homem deve ter certa cor e certo tamanho, ocupará necessariamente no espaço certo lugar e certa posição relativa. Chama-se *substância* ao sujeito destas determinações complementares, que, por sua vez, recebem o nome de *acidentes*.” (A tradução, para o português, é nossa).

<sup>12</sup> *Idem. Ibidem*: “Hablar de las cosas como de sustancias no es concebirlas como grupo de accidentes ligados por cierta cópula a un sujeto; todo lo contrario: es decir que ellas están como

Desta forma, já podemos estabelecer que não devemos entender este “existir por si” da substância, como se ela tivesse em si (*a se*) a causa mesma da sua existência. Em verdade, o único ser que existe por si não tendo alhures a causa da sua existência, é Deus, que não é propriamente uma substância. Assim, quando aplicado à substância este “existir por si” significa que ela possui todos os requisitos necessários para existir, e que tudo o que nela há existe em virtude de um *ato único de existir*, o qual é responsável pela sua existência enquanto substância, ou seja, enquanto uma *unidade existencial*.<sup>13</sup>

#### 1. 4. Forma e matéria

No plano do *conhecimento intelectual*, que atinge o ser das coisas, atende abstrair das substâncias sensíveis, as únicas que nos são diretamente acessíveis, aquilo que nelas possui um ser próprio, vale dizer, aquilo que nelas “existe por si” de fato e de direito. Isto é possível, visto que – a modo de abstração (*abstractio*) –, é sempre exequível separar aquilo que existe por si, a *substância*, dos seus acidentes.<sup>14</sup> De resto, nada impede que consideremos à parte, aquilo que “existe por

---

unidades de existencia, en las que todos sus elementos constitutivos *son*, em virtude de um mesmo e único ato de existir, que es el de la sustancia. Los accidentes no tienen existencia propia que se agregue a la de la sustancia para completarla. No tienen, pues, otra existencia que la de ella. Para ellos, existir, es simplemente “existir-em-la-sustancia” o, como se dice también, su *esse est inesse*.” “Falar das coisas como de substâncias não é concebê-las como grupos de acidentes ligados por certa cópula a um sujeito; todo o contrário: é dizer que elas estão como unidades de existência, na qual todos os seus elementos constitutivos são em virtude de um mesmo e único ato de existir, que é o da substância. Os acidentes não têm existência própria que se agregue ao da substância para completá-la. Não têm, pois, outra existência que a dela. Para eles, existir, é simplesmente ‘existir-na-substância’ ou, como se diz também, seu *esse est inesse*.” (A tradução, para o português, é nossa).

<sup>13</sup> *Idem. Ibidem.* p. 49: “La sustancia no existe por si, en el sentido de que no tenga causa de su existencia: Deus, el único que existe sin causa, no es una substancia; ella existe por si en el sentido de que lo que es le pertenece en virtud de un acto único de existir, y se explica inmediatamente por este acto, razón suficiente de todo lo que es.” “A substância não existe por si, no sentido de que não tenha causa de sua existência: Deus, o único que existe sem causa, não é uma substância; ela existe por si, no sentido de que o que ela é pertence-lhe em virtude de um ato único de existir, e se explica imediatamente por este ato, razão suficiente de tudo o que ela é.” (A tradução, para o português, é nossa).

<sup>14</sup> *Idem. Ibidem:* “El análisis de lo que constituye el ser mismo de las cosas puede, pues, hacer abstracción del accidente, desprovisto de ser propio, y fijarse sobre la sustancia. Las únicas sustancias de las que tenemos experiencia directa, son las cosas sensibles, cuyas cualidades percibimos.” “A análise do que constitui o ser mesmo das coisas pode, pois, fazer abstração do acidente, desprovisto de ser próprio, e fixar-se sobre a substância. As únicas substâncias das quais



si”, prescindindo, pois, daquilo que não tem existência própria, embora, na realidade, ambos existam num todo uno e indiviso, isto é, como substância.

Ora, uma coisa que é peculiar às substâncias sensíveis é que elas se encontram divididas em *classes*. O que as considera como pertencentes a uma destas *classes*, é exatamente aquele elemento que, presente nelas, as torna passíveis de serem expressas num conceito. Portanto, tal elemento é o que as coloca dentro de uma destas classes, tornando-as cognoscíveis para nós, que temos um conhecimento naturalmente conceitual, ou seja, geral. Com efeito, o elemento que torna as substâncias sensíveis suscetíveis de serem expressas em conceitos é o que chamaremos, doravante, de forma (*forma*). É a forma, portanto, o que *determina* estas mesmas substâncias, colocando-as numa espécie (*species*), conforme assevera o próprio Tomás: “E o modo de cada substância composta de matéria e forma é segundo a forma, pela qual ela pertence a uma determinada espécie”<sup>15</sup>.

Cuida precisar agora como podemos distinguir as substâncias que pertencem a uma mesma espécie, ou seja, que possuem uma mesma forma. De fato, na nossa experiência mais imediata, não encontramos o “homem”, mas, sim, indivíduos humanos. Com efeito, urge saber o que é que torna tais substâncias diversas, já que todas elas possuem uma mesma e única forma. Ora, chamaremos o *princípio de*

---

temos experiência direta são as coisas sensíveis, cujas qualidades percebemos.” (A tradução, para o português, é nossa).

<sup>15</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Sobre os Anjos**. Trad. Luiz Astorga. Rev. Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006. 8, 43. GILSON. **El Tomismo**. p. 49: “Uma notable propiedad de estas sustancias esta la de ser distribuibles en clases, cada una de las cuales constituye el objeto de un concepto, a su vez expresable en una definición. Es un hecho innegable, de cualquier manera que se lo interprete, que pensamos por ideas generales, o conceptos. Para que este hecho, que es real, sea posible, es necesario que el dato de nuestra experiencia sensible sea conceptualizable, es decir, que su naturaleza se preste a su conocimiento por conceptos. Designemos, pues, con un término distinto lo que, en lo real, hace posible el conocimiento conceptual. Llamemos a este elemento la *forma* de la sustancia. Diremos, pues, que toda sustancia implica una forma, y que en virtud de esta forma una sustancia puede clasificarse en una especie determinada, cuya definición expresa el concepto.” “Uma notável propriedade destas substâncias é a de serem distribuídas em classes, cada uma das quais constitui o objeto de um conceito, que, por sua vez, pode ser expresso em uma definição. É um fato inegável de qualquer maneira que se interprete, que pensamos por ideias gerais, ou conceitos. Para que este fato, que é real, seja possível, é necessário que o dado de nossa experiência sensível seja conceptualizável, isto é, que sua natureza se preste a um conhecimento por conceitos. Designemos, pois, com um termo distinto o que, no real, faz possível o conhecimento conceitual. Chamemos a este elemento a *forma* da substância. Diremos, pois, que toda substância implica uma forma, e que, em virtude desta forma, uma substância pode classificar-se em uma espécie determinada, cuja definição expressa o conceito.” (A tradução, para o português, é nossa).

*individuação* destas substâncias, que se encontram em uma mesma espécie, de matéria (*materia*).<sup>16</sup>

Portanto, a falar com exatidão, toda *substância sensível* é uma *unidade existencial composta* de matéria e forma. Assim a define, com meridiana clareza, Gilson: “(...) toda sustancia es a la vez e indivisamente una unidad de existencia de una forma y de una materia”<sup>17</sup>.

### 1. 5. O ato de existir (*actus existendi*) da substância

Estabelecidas estas premissas, falta-nos arguirmos ainda: de onde provém este ato único de existir da substância? Procede da matéria? Emanada da forma? Ou dimanada do composto da união de ambos?

Que não seja a matéria o ato (*actus*) pelo qual existe (*quo est*) a substância, fica claro quando se tem presente que a matéria não tem existência alguma fora da forma, da qual é matéria. A matéria está para a forma como a potência (*potentia*) para o ato. Portanto, a matéria existe, pela forma, na substância – unidade de matéria e forma. Destarte, fora da substância, a matéria não tem existência alguma. Ora, uma vez que carece de existência própria, a matéria não pode ser causa da substância, que justamente possui uma existência própria. Di-lo-á o próprio Aquinate

Segundo, porque o ser não é ato próprio da matéria, mas do todo substancial. Pois o ser é ato daquilo do qual podemos dizer que é. Ora, o ser não se atribui à matéria, mas ao todo.

---

<sup>16</sup> *Idem. Ibidem*: “Por otra parte, es un hecho de experiencia el que las especies no existen como tales; ‘hombre’ no es una sustancia; las únicas sustancias que conocemos son los individuos. Por lo tanto debe haber en el individuo un elemento diverso de la forma, que será precisamente el que distinga unos dos otros, a los representantes de la misma especie. Designemos ahora este nuevo elemento de lo real con un término distinto. Llamémosle *materia*.” “Por outra parte, é um fato de experiência que as espécies não existem como tais; ‘homem’ não é uma substância; as únicas substâncias que conhecemos são os indivíduos. Portanto, deve haver no indivíduo um elemento diverso da forma, que será precisamente o que distingue uns dos outros, aos representantes de uma mesma espécie. Designemos agora este novo elemento do real com um termo distinto. Chamemo-lo *matéria*.” (A tradução, para o português, é nossa).

<sup>17</sup> *Idem. Ibidem*: “(...) toda substância é, ao mesmo tempo e indivisamente, uma unidade de existência de uma forma e de uma matéria.” (A tradução, para o português, é nossa).

Donde não se poder afirmar que a matéria é, mas (a) substância é que é *aquilo que é*.<sup>18</sup>

Tomemos agora a forma, e veremos que também ela não explica o ato último que dá à *unidade ontológica*, a qual chamamos substância, o ato de ser (*actus essendi*) que a torna um ente (*ens*). Atesta o próprio Tomás, que “(...) nem a forma é o ser (...)”<sup>19</sup>. Com efeito, a forma, certamente ocupa um lugar mais nobre do que a matéria na substância. É por ela, antes de tudo, que a matéria passa a ser a matéria de uma dada substância.<sup>20</sup> Além disso, é pela forma que a própria substância passa a ser o *que é*, isto é, uma *unidade ontológica* composta de matéria e forma e capaz de possuir uma existência própria.<sup>21</sup> É a forma, ademais, que especifica a substância como sendo uma *determinada* substância. É ela, portanto, que coloca a substância numa espécie, e, desta feita, que confere à substância uma *inteligibilidade* própria. De fato, é a forma que dá uma essência específica à substância, tornando-a, assim, suscetível de ser expressa num conceito.<sup>22</sup> No entanto, isto não é tudo, visto que, uma coisa é explicar o “porquê” de algo ser o *que é*, mas outra, bem distinta, é responder o “porquê” tal coisa *existe*, é um ente (*ens*). Ora, é precisamente isto o que a forma não explica.<sup>23</sup> Assim, conclui Tomás:

---

<sup>18</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. II, LIV, 1 (1289). (O parêntese é nosso). GILSON. **El Tomismo**. p. 50: “Que no sea la materia lo que hace que la sustancia sea, se conoce en que la materia no es susceptible de existir sin una forma cualquiera. Siempre será la materia de una sustancia que, por tener una forma, es objeto de concepto y de definición. (...) Tomada precisamente como materia, separada de todo aquello de que forma parte, no tiene existencia. (...) Careciendo de existencia propia, la materia no puede causar la de la sustancia.” “Que não seja a matéria o que faz com que a substância *seja*, conhece-se no que a matéria não é suscetível de existir sem uma forma qualquer. Sempre será a matéria de uma substância que, por ter uma forma, é objeto de conceito e de definição (...). Tomada precisamente como matéria, separada de tudo aquilo de que forma parte, não tem existência. (...) Carecendo de existência própria, a matéria não pode causar a da substância.” (A tradução é nossa)

<sup>19</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. II, LIV, 1 (1290): “(...) nec forma est *ipsum esse* (...)”. (O itálico é nosso).

<sup>20</sup> GILSON. **El Tomismo**. p. 50: “La materia no es más que un potencial determinable por la forma, siendo la forma el acto que hace la materia sea la de tal o cual sustancia determinada.” . “(...) A matéria não é mais que um potencial determinável pela forma, sendo a forma o ato que faz com que a matéria seja a de tal ou qual substância determinada.” (A tradução, para o português, é nossa).

<sup>21</sup> *Idem. Ibidem*: “El papel propio de la forma es, pues, constituir la sustancia *como sustancia*. (...) Concebida así, la forma es *aquello por lo cual* sustancia es *lo que es*.” “O papel próprio da forma é, pois, constituir a substância *como substância*. Concebida assim, a forma é *aquilo pelo qual* a substância é o *que é*” (A tradução, para o português, é nossa).

<sup>22</sup> *Idem. Ibidem*. p. 50: “Con seguridad que la forma es un elemento de la sustancia más noble que la materia, ya que es la que la determina y le confiere la inteligibilidad.” “Com seguridade que a forma é um elemento da substância mais nobre do que a matéria, já que é ela que determina e confere inteligibilidade à matéria.” (A tradução, para o português, é nossa).

<sup>23</sup> *Idem. Ibidem*. p. 51: “Explicar un ser como sustancia, equivale a decir por qué dicho ser “es lo que es”. (...) Sim embargo esto no es todo, ya que una vez explicado por qué un ser es lo que es, queda

“Logo, nos compostos de matéria e forma, nem a matéria, nem a forma podem ser ditas *o que é (quod est)*, nem *ser (ipsum esse)*”<sup>24</sup>. Nem mesmo com relação às formas subsistentes, pode-se dizer que o ato último pelo qual a substância passa a ser um ente é a forma: “(...) a forma subsistente não é um não-ente, mas um ato que é forma participante do último que é *ser*”<sup>25</sup>.

Agora bem, se não é pela matéria, nem pela forma, tomadas isoladamente, que a substância existe (é um *ens*), então, deve haver algo que justifique o “porquê”, com a composição de matéria e forma, passe a existir o que antes não existia, a saber, a substância. Como, pois, da união de matéria e forma, que, tomadas em separado, não subsistem, pode nascer um ser que subsista, qual seja, a substância?<sup>26</sup> Assim, na análise do real, o ato de ser (*actus essendi*) passa a ser o ato primeiro e fundante: “Forzoso es, pues, llegar a hacer pasar la existencia a primer lugar, como último término que pueda alcanzar el análisis de lo real”<sup>27</sup>.

Podemos dizer que aqui nos encontramos no epicentro da doutrina tomásica. É este o ponto nevrálgico no qual descobrimos que a análise do real não termina na substância, e que o *ser* não se encerra na forma da substância. Com efeito, o ser (esse) não se identifica com a substância que o possui. Desta maneira, somos transportados, pelo próprio Tomás, da “ontologia essencial” de Aristóteles – que finda no acabamento da substância – para a sua própria ontologia, transfigurada em “ontologia existencial”. Tal “ontologia existencial” se define pelo fato de que, para além da substância, há um ato de ser (*actus essendi*) *pelo qual* ela existe, isto é, *pelo qual* ela se torna um ente, ou seja, um *sendo*.<sup>28</sup>

por explicar lo que hace que dicho ser exista.” “Explicar um ser como substância, equivale a dizer por que dito ser ‘é o que é’. (...) Sem embargo, isto não é tudo, já que uma vez explicado por que um ser é o que é, resta por explicar o que faz com que dito ser exista.” (A tradução, para o português, é nossa).

<sup>24</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. II, LIV, 1(1292). (Os parênteses são nossos). E ainda: *Idem*. **Sobre os Anjos**. 8, 44: “Pois o ser da coisa não é sua forma nem sua matéria, mas algo que sobrevém à coisa através da forma.”

<sup>25</sup> *Idem*. *Ibidem*. 8, 44.

<sup>26</sup> GILSON. **El Tomismo**. p. 51: “Ya que ni la materia, ni la forma pueden existir aisladas, compréndese bien la posibilidad de la existencia de su compuesto, pero no se ve cómo su unión puede engendrar la existencia actual. Como la existencia, podría surgir de lo que no existe?” “Já que nem a matéria nem a forma podem existir isoladas, compreende-se bem a possibilidade da existência do seu composto, porém, não se vê como sua união pode engendrar a existência atual. Como a existência poderia surgir do que não existe?” (A tradução, para o português, é nossa).

<sup>27</sup> *Idem*. *Ibidem*. p. 51: “Forzoso é, pois, fazer passar a existência para primeiro lugar, como termo último que pode alcançar a análise do real.” (A tradução, para o português, é nossa).

<sup>28</sup> *Idem*. *Ibidem*: “Convengamos en llamar “esencial” a toda ontología, o doctrina del ser, para la cual las nociones de sustancia y de ser equivalgan. Se dirá entonces que, en una “ontología esencial”, el elemento que termina al acabamiento de la sustancia es el elemento ultimo de lo real. No puede

Destarte, não é mais a *forma* que dá a última palavra sobre o *ser*, isto é, o *ser* não consiste mais naquele elemento que faz com que a substância *seja o que é* e se encontre numa determinada espécie. O *ser*, propriamente falando, deixa de designar a forma da coisa (*res*). Doravante, a forma passa a ser como um *quo est* secundário da substância, subordinado ao seu verdadeiro *quo est* primário, que é o ato de ser (*actus essendi*). Com efeito, para além da forma, e precedendo-a, há um ato de ser (*actus essendi*) que faz com que a substância – cuja essência compete à forma determinar – exista, seja um ente. Tomás arrola este argumento, arrazoando que o esse se comporta como *ato* com relação à própria forma, que só passa a ser princípio de ser para a substância, enquanto é atualizada (*actuatio*) pelo esse, atualidade (*actualitas*) primária que torna a substância um ente:

Além disso, porque o ser está como ato para a forma (*ipsam etiam formam comparatur ipsum esse ut actus*), pois, por esse motivo, nos compostos de matéria e forma, a forma é dita princípio do ser (*principium essendi*), porque é complemento da substância (*complementum substantiae*), cujo ato é o ser (*actus est ipsum esse*).<sup>29</sup>

Estamos diante de um evento verdadeiramente *epocal*. Trata-se realmente de uma nova ideia, geratriz de todas as outras; originária, ademais, do sistema que abordamos. A substância – um composto de matéria e forma –, unidade ontológica e existencial, não existe, destarte, nem em virtude da matéria, nem em virtude da forma, nem mesmo em virtude do *composto*, senão que passa a ser um ente, por

---

suceder lo mismo en una “ontología existencial”, en la que el ser se define en función de la existencia.” “Convenhamos em chamar ‘essencial’ a toda ontologia, ou doutrina do ser, para a qual as noções de substância e de ser equivalem-se. Dir-se-á, então, que, em uma ‘ontologia essencial’, o elemento que termina o acabamento da substância é o último elemento do real. Não pode suceder o mesmo em uma ‘ontologia existencial’, na qual o ser se define em função da existência.” (A tradução, para o português, é nossa).

<sup>29</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. II, LIV, 1 (1291). (Os parênteses são nossos). Adiante, ele é ainda mais claro: *Idem. Ibidem*. II, LIV, 1 (1292): “(...) o ser é aquilo que faz a substância denominar-se *ente*.” GILSON. **El Tomismo**. p. 51; “Cuando se la contempla con relación a la existencia, la forma cesa efectivamente de aparecer como la última determinación de lo real. (...) Desde este segundo punto de vista, la forma sustancial aparece como un *quo est* secundario, subordinado al *quo est* primário que es el acto mismo de existir. Más allá de la forma, que hace que un ser sea tal ser, de tal especie determinada, es preciso poner el esse o acto de existir, que hace que la sustancia así constituída sea un *ens*.” “Quando contemplada com relação à existência, a forma cessa, efetivamente, de aparecer como a última determinação do real. (...) Desde este segundo ponto de vista, a forma sustancial aparece como um *quo est* secundário, subordinado ao *quo est* primário que é o ato mesmo de existir. Mais além da forma, que faz com que um ser seja tal ser, de tal espécie determinada, é preciso pôr o esse ou ato de existir, que faz que a substância assim constituída seja um *ente*.” (A tradução, para o português, é nossa).

força de um ato de ser (*actus essendi*). Em outras palavras, se a forma é o *quo est* da substância, o ato de ser (*actus essendi*) é o *quo est* da própria forma. Por conseguinte, é o esse, no seu primado absoluto, que faz com que a substância seja um *ente*. É o que conclui o Aquinate:

Todavia, a forma pode ser dita *pelo qual é (quo est)* a coisa, enquanto princípio do ser (*principium essendi*); mas a substância toda (*tota substantia*) é que *o que é (quod est)*, e o ser (*ipsum esse*) é aquilo que faz a substância (*substantia*) denominar-se *ente (ens)*.<sup>30</sup>

O que é exatamente o ser (esse)? É o existir? Mas o próprio existir, o que é? É um ato ou um estado? O ser (esse) se confunde com o ente? Qual a sua relação com a essência? Como ele se comporta em relação à substância? É destas e outras questões que, concisamente, passaremos a tratar.

## 2. O ser (esse) e o ente

Segundo Tomás, “(...) o termo *ser* designa um ato”<sup>31</sup>. De fato, “O ato é o que mais propriamente é”<sup>32</sup>. No entanto, o que é o ato? Ora, não há uma definição rigorosa para ele. Com efeito, potência e ato são noções tão fundamentais que

---

<sup>30</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. II, LIV, 1 (1292). (Os parênteses são nossos). GILSON. **El Tomismo**. p. 52: “Lo que interesa retener ante todo, es que la misma sustancia, o el compuesto, no existe más que en virtud de una determinación ulterior, esta vez verdaderamente suprema, que es su mismo acto de existir. En este sentido, o esse es el *quo est* de la forma, que a su vez es el *quo est* de la sustancia; es pues lo que hace que la sustancia sea un *ens*, que posee el acto de existir.” “O que interessa reter antes de tudo, é que a mesma substância, ou o composto, não existe mais que em virtude de uma determinação ulterior, desta vez verdadeiramente suprema, que é seu mesmo ato de existir. Neste sentido, o esse é o *quo est* da forma, que, por sua vez, é o *quo est* da substância; é, pois, o que faz que a substância seja um *ens*, que possua o ato de existir.” (A tradução, para o português, é nossa).

<sup>31</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. I, XXII, 4 (208): “*Esse actum quendam nominat*”. (O parêntese é nosso). Numa passagem da *Summa Theologiae*, Tomás usa o termo *ens* como sinônimo de *esse*, ele diz: *Idem*. **Suma Teológica**. I, 5, I, ad 1: “(...) o ente designa propriamente algo que está em ato”. Observe que, quando fala que o *ser é ato (actus)*, Tomás está a dizer que o *ato é ser (esse)*, pois é o predicado que é afirmado do sujeito e não o contrário. De fato, se o ato não é ser (esse), não é nada. Sem dúvida, o ato é, sob o ponto de vista *ôntico*, o primeiro dos predicados do ser, mas predicado. Tal advertência é necessária para não transformarmos a filosofia de Tomás numa “atologia”. Sua filosofia é a do ser, é uma ontologia. Tomás é um realista moderado.

<sup>32</sup> LAUAND, Luiz Jean. **Tomás de Aquino: vida e pensamento – estudo introdutório geral (e à questão “Sobre o verbo”)**. In: *Verdade e Conhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 61.

escapam a toda *definição* estrita. Sabe-se, contudo, que com o termo latino “actus” quer-se traduzir o termo grego *enérgeia*, que designa um *ato* ou *atividade*. Logo, sendo, antes de mais nada, um ato (*actus*), o “Ser é, acima de tudo, atividade, ato”<sup>33</sup>.

Agora bem, este mesmo *ser* (*esse*), concebido como ato, coloca a substância num *estado*, o *estado* de ente, ou seja, num *sendo*. E, por isso mesmo, tendemos a identificar o *ser* (*esse*) com o ente (*ens*). No entanto, cumpre discriminar sempre e cuidadosamente o *esse* como *ato de ser*, que é o que funda e sustenta a substância no *estado* de ente, do próprio ente, que é propriamente um *estado*, o *estado* de *habens esse*.<sup>34</sup> Portanto, importa que não “entifiquemos” o *esse*, pois “Todas as coisas, todos os entes são, antes de tudo, aqueles que ‘exercem o ato’ de ser”<sup>35</sup> e não o próprio *ser* (*esse*). Destarte, urge que distingamos o *ser* (*esse*) e o ente (*ens*), como diferenciamos um *ato* de um *estado*. Neste sentido, alerta Mondin: “A explicação satisfatória só se obtém ultrapassando o ente e ascendendo ao *ser* mesmo (...)”<sup>36</sup>.

De fato, após termos ultrapassado a substância e o próprio ente, e havermos chegado finalmente ao *esse* entendido como *ato de ser* (*actus essendi*), corremos o risco, de resto, sempre presente para nós – cujo modo de conhecer natural é conceitual – de transformarmos o mesmo *esse*, concebido como *ato de ser* (*actus essendi*), numa espécie de essência (*essentia*), suscetível, por conseguinte, de ser expresso num conceito. Ora, tal procedimento, longe de nos fazer apreender o *ser* (*esse*) numa *definição*, só nos alienará dele, fazendo-nos esquecer-lo em sua singularidade. Com efeito, como dissemos, o *ser* é, antes de qualquer coisa, um ato. E um ato, conforme também já averiguamos, é uma noção tão universal que não se deixa *definir*. Logo, sendo um ato, “(...) o *ser* escapa a qualquer *definição*”<sup>37</sup>. Desta

---

<sup>33</sup> *Idem. Op. Cit.*

<sup>34</sup> GILSON. **El Tomismo**. p. 53: “Para comprender este principio en su naturaleza propia, es necesario recordar que, como todo verbo, el verbo esse designa una acción, un acto, y no un estado. El estado en el que el esse coloca a aquello que lo recibe, es el estado de *ens*, es decir un “siendo”. “Para comprender este principio em sua natureza própria, é necessário recordar que, como todo verbo, o verbo esse designa uma ação, um ato, e não um estado. O estado no qual o esse coloca aquilo que o recebe, é o estado de *ens*, isto é, um ‘sendo’.” (A tradução, para o português, é nossa). Em outro lugar, ensina Gilson, dizendo que *ens* diz-se daquilo que *possui* o *ato de existir*, *habens esse*: *Idem. Ibidem*. p. 63: “Nunca estará de más repetirlo: el *ens* no es ni puede ser último sino refiriéndose al existir; *ens* significa *habens esse*.” “Nunca será demais repeti-lo: o *ens* não é nem pode ser último senão referindo-se ao existir; *ens* significa *habens esse*.” (A tradução, para o português, é nossa).

<sup>35</sup> LAUAND. *Op. Cit.* p. 61.

<sup>36</sup> MONDIN. **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica**. p. 226.

<sup>37</sup> LAUAND. *Op. Cit.* p. 61.

sorte, “Não podemos transformá-lo num conceito, como o fazemos com a essência de qualquer coisa, porque é anterior a qualquer idéia”<sup>38</sup>.

O termo grego *eidos* (*ideia*) é traduzido, em latim, por *forma*. Logo, “Por idéias, portanto, se entendem as formas de todas as coisas que existem fora das coisas mesmas”<sup>39</sup>. Porém, o *esse*, em conformidade com o que temos dito, não é a *forma*, mas é o *quo est* da própria *forma*. E, sendo a *forma* o que na substância é suscetível de ser expresso num conceito, “O ser é, e sempre será, um mistério que o homem não pode esgotar”<sup>40</sup>, visto que ele não pode ser expresso num conceito, ele não se deixa prender numa *ideia*.

Ora bem, uma filosofia onde o *ser* designa, antes de tudo, um ato, é uma *filosofia do real*, pois o “Ato é o que é real, fático, já realizado (...)”<sup>41</sup>. O ato é o que costumamos designar com o termo perfeito (*perfectus*), isto é, o totalmente feito (*per-fectum: totaliter factus*).<sup>42</sup> Destarte, uma filosofia do ser (*esse*) concebido como ato (*actus*) é que o há de mais oposto a um *sistema essencialista*, já que a “(...) potência é o pode que vir a ser real (em ato), mas de fato não o é (...)”<sup>43</sup>. Como bem frisa o Prof. Lauand: “Ao contrário de todo pensamento essencialista, Tomás não parte das essências, mas das coisas, dos entes, da realidade”<sup>44</sup>. É ainda Lauand quem afirma que: “É pelo ato de ser que Tomás supera todo tipo de essencialismo e é ‘o mais existencialista de todos os filósofos’”<sup>45</sup>.

Note-se, todavia, que não se quer com tais distinções, tais como, entre o ser (*esse*), o ente e a essência, se olvidar da importância da essência, nem esquivar-se do plano conceitual, mas apenas transcendê-los, ultrapassá-los, como exige a própria realidade. Esta distinção não corresponde, nem de longe, a uma separação entre estes elementos. Aliás, na concretude do real todos eles se encontram em

---

<sup>38</sup> *Idem. Op. Cit.* p. 62

<sup>39</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. I. 15, 1, C.

<sup>40</sup> LAUAND. *Op. Cit.* p. 62.

<sup>41</sup> *Idem. Op. Cit.* p. 41.

<sup>42</sup> MARIE, Joseph Nicolas. **Vocabulário da Summa Teológica**. Verbetes “Perfeito, Perfeição”. In: TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Trad. Aimom- Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001. pp. 92 e 93. In: MONDIN, Battista. **Glossário dos Principais Termos Teológico-Filosóficos**. Verbetes: “Perfeição” In: **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica**. 2ª ed. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005. p. 427.

<sup>43</sup> LAUAND, Luiz Jean. **Tomás de Aquino: vida e pensamento – estudo introdutório geral (e à questão “Sobre o verbo”)**. In: *Verdade e Conhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 61.

<sup>44</sup> *Idem. Op. Cit.* p. 62.

<sup>45</sup> *Idem. Op. Cit.* p. 60.



uma unidade inviolável: o ser (*esse*), o ente (*ens*) e a essência (*essentia*) estão intrinsecamente unidos na unidade indivisa da substância (*substantia*).

Como se dá a unidade destes elementos no real? Explica Lauand: “Todo ente é e é algo: é homem, é cão, é pedra. Nesta composição, se o responsável pelo é do ente é o ato de ser, seu complemento necessário, a *essência*, corresponde ao ‘quê’ que o ente é”<sup>46</sup>. Por conseguinte, se o ente é aquilo que exerce o ato de ser (*actus essendi*), “(...) a essência é a medida da recepção do ato de existir”<sup>47</sup>. De fato, se a substância é um ente pelo ato de ser (*actus essendi*), a essência é o que o ente é, e, assim, “(...) a essência é o que responde à pergunta: ‘O que é isto?’”<sup>48</sup>. Em uma palavra, o ente, em nossa experiência, é sempre alguma coisa que existe, alguma coisa que possui e exerce um ato de ser (*actus essendi*) *delimitado* pela sua essência. Assim, pois, ser (*esse*), ente (*ens*) e essência são inseparáveis na nossa experiência sensível, conquanto permaneçam distintos. Sintetiza esta unidade na diversidade ou estes desdobramentos do conceito de *ser*, Joseph Nicolas:

Quando se fala de ser, pode-se tratar *do* que é uma realidade (sua essência), do ato de existir que a faz ser real (sua existência), do ser que exerce esse ato e que se define como sendo isto em vez daquilo (é o *ens*, o sendo). Inseparabilidade da essência e da existência, pois nada é concebível como existente senão conforme uma essência. Mas distinção real, “o que é” um ser não pode identificar-se com o fato de ser, nem, sobretudo com o ato pelo qual ele “é”.<sup>49</sup>

Na verdade, o próprio Tomás tenta balbuciar e, como que às apalpadelas, enunciar o ser (*esse*) como fundamento de todas as coisas e do próprio conhecimento, sem se deixar prender por nenhum deles, posto que é uma dignidade, vale dizer, uma eminência em relação a todos eles: “O ser é mais nobre do que todas as coisas que o acompanham; porque, em sentido absoluto, é mais nobre que o próprio conhecimento, se fosse possível conceber o conhecimento sem o ser”<sup>50</sup>.

---

<sup>46</sup> LAUAND. *Op. Cit.* p. 62.

<sup>47</sup> *Idem.* *Op. Cit.* p. 63.

<sup>48</sup> *Idem.* *Op. Cit.*

<sup>49</sup> MARIE, Joseph Nicolas. **Introdução à Suma Teológica**. Trad. Henrique C. de Lima Vaz et. al. São Paulo: Loyola, 2001. p. 41.

### 3. A clássica distinção entre essência e existência

Essência e existir, cumpre-nos saber distingui-los, sem eliminá-los. É preciso frisar-lhes a diferença, sem suprimi-los ou confundi-los. Ora, a consagrada distinção entre essência e existência, tal como é explanada por certos comentadores, segundo nos parece, não é satisfatória, porquanto resulta numa tentativa de *essencializar* o ato de ser (*actus essendi*), como se a existência da coisa fosse, então, a essência do *esse*.<sup>51</sup> De fato, importa sublinhar que a existência da substância é um *estado*, ou seja, o fato de ela existir é o que a faz ou a torna um ente, um “sendo”. E, como temos dito, o ente (*ens*) é o que *é*, e não o ato de ser (*actus essendi*) pelo qual (*quo est*) a coisa (*res*) *é* e *é* o que *é* (*quod est*). O ente, segundo também temos afirmado, é como que o *exercício*, por assim dizer, do ato de ser (*actus essendi*) que ele possui, não sendo, todavia, o próprio ato de ser (*actus essendi*), haja vista que o ato de ser (*actus essendi*) é um *ato* e não propriamente um *estado*, o *estado* de ente. Portanto, cumpre-nos dizer que a clássica distinção é insuficiente.

Na verdade, esta confusão entre *existência* e *existir*, entre ser (*esse*) e ente, procede do fato – tão corriqueiro quanto inevitável para nós – de que na nossa experiência concreta não encontramos nada que seja um puro ato de ser (*actus essendi*), mas tão somente algo que existe: “uma árvore existente”, “um homem que existe”, etc. De fato, nós só encontramos *entes* que *exercem* o ato de ser (*actus essendi*), sem sê-lo por essência (*per essentiam*). Por isso mesmo, tendemos a identificar o ser (*esse*) com aquilo que o *tem* e *exerce*, a saber, o ente (*ens*). Destarte, como o *quid est* do ente nos é apreensível, enquanto confundimos o *esse* com o ente, supomos que também o *esse* – tal como a quididade de um ente qualquer –, possa também ser *definido* num conceito. E assim, inclinamo-nos a pensar o *esse* como sendo algo *estático*. Mas a verdade é que o *esse* não é como

---

<sup>50</sup> TOMÁS DE AQUINO. In **I Sententiarum** 17, 1, 2, ad 3. In: MONDIN, Battista. **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica**. 2ª ed. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005. p. 226.

<sup>51</sup> GILSON. **El Tomismo**. p. 54: “Hablar de la distinción entre esencia y existencia, es expresarse como si la misma existencia fuera una esencia: la esencia del ato de existir. Y esto es ponerse a tratar como una cosa lo que es un ato.” “Falar da distinção entre essência e existência, é expressar-se como se a mesma existência fosse uma essência: a essência do ato de existir. E isto é tratar como uma coisa o que é um ato (...)”. (A tradução, para o português, é nossa).

uma essência, nem sequer tem uma essência se considerado em si mesmo. Ao contrário, o *esse*, enquanto tal, é simplesmente um *ato*. Decerto que a existência de uma coisa atesta que ela *possui* o *esse* de algum modo, mas tal *estado* de existente não é o próprio ato de ser (*actus essendi*), senão apenas a expressão evidente do seu vigor e como que a manifestação da sua presença.

#### 4. O *esse*: o ato dos atos e a perfeição das perfeições

O *esse* é o ato, havíamos dito, da própria *forma*.<sup>52</sup> E, seguindo este raciocínio, dissemos também que o *esse* passa a ser o *quo est* primário da própria substância, enquanto que a *forma* passa a ser apenas o *quo est* secundário da mesma substância. De fato, como é a *forma* que *determina* o *ser* da substância, e é o *esse* que *determina* o *ser* da própria forma<sup>53</sup>, a substância deve ao *esse*, em último termo, o seu *status* de ente, conforme deixa claro Frei Tomás:

Todavia, a forma pode ser dita *pelo qual é (quo est)* a coisa, enquanto princípio do ser; mas a substância toda é *o que é (est ipsum quod est)*, e o ser (*ipsum esse*) é aquilo que faz a substância denominar-se *ente (ens)*.<sup>54</sup>

Assim, sendo o *esse* o que confere o *ser* a todas as coisas, é ele o que mais propriamente se pode designar como *ser*: “Para Sto. Tomás, o ser é antes de tudo existir. O ser se define em função da existência”<sup>55</sup>. Desta sorte, numa “ontologia existencial” como a tomásica, o *ser* passa a designar realmente um ato (*actus*), o ato de ser ou existir (*actus essendi, actus existendi*), como já explicamos. E há mais.

---

<sup>52</sup> TOMÁS DE AQUINO. **De Potentia**. 7, 2, ad 9. In: MONDIN, Battista. **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica**. 2ª ed. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005. p. 220 e 221: “Ora, qualquer forma particular só se encontra em ato se se lhe acrescentar o ser (*esse*).” (O parêntese é nosso).

<sup>53</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Quodl.** XII, 5, 1. In: MONDIN, Battista. **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica**. 2ª ed. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005. p. 220. “Portanto, o ser (*esse*) é o complemento de todas as formas. De fato, a forma só chega à conclusão quando tem o ser (*esse*); e só tem o ser (*esse*) quando é em ato. De modo que não existe nenhuma forma a não ser mediante o ser (*esse*).” (Os parênteses são nossos).

<sup>54</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. II, LIV, 1 (1292). (Os parênteses são nossos).

<sup>55</sup> MARIE. **Introdução à Suma Teológica**. p. 40.

Como cada coisa é perfeita na medida em que está em *ato*<sup>56</sup>, o esse, sendo um ato em si mesmo e um ato com relação a todas as coisas, ele é, *ipso facto*, o que há de mais perfeito na coisa<sup>57</sup> e a perfeição das perfeições, isto é, a fonte de todas as demais perfeições.<sup>58</sup> De fato, enquanto o esse é a atualidade de todo ato, e sendo o ato a própria perfeição de uma coisa, é do esse que procede toda perfeição:

(...) o ser (*esse*) é a atualização (*actualitas*) de qualquer forma ou natureza. Não se entende a bondade ou a humanidade em ato, a não ser enquanto as entendemos como existindo (*esse*).<sup>59</sup>

Em uma palavra: “Ora, aquilo que é o mais formal (*maxime formale omnium*) é o próprio ser (*ipsum esse*)”<sup>60</sup>, e, sendo assim, é o epicentro ou o pólo de onde dimana toda perfeição. Dizer, afinal, que o esse é um ato para si próprio, corresponde a dizer que ele não é o ato de uma essência, mas sim o ato pelo qual a essência – e toda a substância, inclusive a própria forma –, passam a ser um ente.<sup>61</sup> Por isso, em relação à forma e à própria substância como um todo, o esse não se comporta como tendo delas recebido algo, senão, ao contrário, foi ele (o esse) que lhes conferiu e confirma o *estado* de *habens esse*:

Deve-se dizer que o ser (*ipsum esse*) é o que há de mais perfeito entre todas as coisas, pois a todas se refere como ato. E nada tem atualidade senão enquanto é: o ser (*ipsum esse*) é,

---

<sup>56</sup> Por que uma coisa é perfeita enquanto está em ato? Poder-se-ia arguir-nos. Diz-se perfeito, do latim *perfectio*, ao que está totalmente feito (*totaliter factus*). Portanto, *per-fectum*, diz-se sempre de algo que já está realizado, consumado, concluído. Ora, opõe-se a esta noção de *perfeição* a noção de potência. Do latim *potentia*, o termo designa sempre o que pode ser, mas ainda não é; potência é sempre uma capacidade de vir-a-ser. Ao contrário, o ato, do latim *actus*, praticamente coincide com a definição que nos propomos para perfeição. De fato, o ato designa, antes de tudo, algo já realizado, completo, arrematado. Vide as referências da nota “43”.

<sup>57</sup> TOMÁS DE AQUINO. **De Potentia**. 7, 2, ad 9. In: MONDIN, Battista. **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica**. 2ª ed. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005. p. 220: “(...) esse est inter omnia perfectissimum (...)”. “(...) o ser é a mais perfeita de todas as coisas.”

<sup>58</sup> TOMÁS DE AQUINO. **De Potentia**. 7, 2, ad 9. In: MONDIN, Battista. **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica**. 2ª ed. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005. p. 219: “O ser (*esse*) é a atualidade de todo ato e, portanto, a perfeição de toda perfeição” (O parêntese é nosso).

<sup>59</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. I, 3, 4, C. (Os parênteses são nossos).

<sup>60</sup> *Idem. Ibidem*. I, 7, 1, C. (Os parênteses são nossos). MONDIN. **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica**. p. 220: “O ser, concebido como raiz de tudo, é o que põe em ato tudo aquilo que existe. (...) o ser é o ato supremo, a forma de todas as formas” TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. I, 7, 1, C... (Os parênteses são nossos)

<sup>61</sup> MARIE. **Introdução à Suma Teológica**. p. 41: “Além da forma que faz que tal ser se situe numa espécie determinada, é preciso situar o esse ou ato de existir que faz com que a substância assim constituída seja um *ens*, um ser.”

portanto, a atualidade de todas as coisas, até das formas. Por conseguinte, não se refere às coisas como o recipiente ao que é recebido, e sim como o que é recebido ao recipiente.<sup>62</sup>

## 5. O ser (esse) e a essência

Sendo o esse um ato para si mesmo, isto significa, finalmente, que ele é puro, isto é, isento de toda ulterior *determinação*, ele simplesmente existe. Agora bem, este existir puro, por mais nada *determinado*, é, ademais, *infinito*. Além disso, enquanto *puro ato* – e o ato é o que responde por toda perfeição –, o esse, sendo um *ato ilimitado*, é também uma *perfeição infinda*. Ele é o que é: unicamente ato de existir. Único, de fato, porque nada pode ser concebido, enquanto existindo, que exista fora dele, visto que, sendo ele o próprio existir, nada pode existir independentemente dele, e nem ser o que ele não seja, de forma mais eminente.<sup>63</sup>

É claro que, para um ato de existir (*actus existendi*) como este, nem se colocaria o problema da distinção entre essência e existir (*esse*), pois, se assim pudermos expressar-nos, no caso de tal *ato puro de existir*, a sua essência seria precisamente existir (*esse*). Ele existiria em virtude de si mesmo, seria o seu próprio existir (*suum esse*). Porém, bem se vê que não é exatamente deste *ipsum esse subsistens* que estamos falando agora, e, sobre a sua existência ou não, nada podemos concluir ainda. Neste instante, com relação a ele, podemos apenas postular que, se verdadeiramente existe, deverá ser de tal forma que a sua própria essência (*essentia*) seja ato puro de existir (*esse*). Dito de outra forma, se existir, existirá por si mesmo (*a se*).<sup>64</sup>

---

<sup>62</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. I, 4, 1, ad 3.

<sup>63</sup> GILSON. **El Tomismo**. p. 55: "Poner semejante acto, sin otra determinación, es ponerlo como puro, ya que no es sino el acto de existir; pero es también ponerlo como absoluto, ya que es todo el acto de existir; y, finalmente, es ponerlo como único, ya que nada que sea puede concebirse como siendo que el acto puro de existir no lo sea." "Pôr semelhante ato, sem outra determinação, é pô-lo como puro, já que não é senão o ato de existir; porém, é também pô-lo como absoluto, já que é todo o ato de existir; e, finalmente, é pô-lo como único, já que nada que seja pode conceber-se como sendo o que o ato puro de existir não o seja." (A tradução, para o português, é nossa).

<sup>64</sup> *Idem. Ibidem*: "Que el acto puro de existir exista o no, todavía lo ignoramos a esta altura de nuestra investigación; pero está claro, por lo menos, que si tal ser existe, existe en cierto modo por derecho propio, como ser cuya esencia misma es el existir." "Que o ato puro de existir exista ou não, todavía ignoramo-lo a esta altura de nossa investigação; porém, está claro, pelo menos, que, se tal ser existe,

No entanto, no nosso contato com as coisas sensíveis – as únicas, aliás, que nos são imediatamente acessíveis –, encontramos apenas *atos de existir finitos e limitados*. Na nossa experiência mais concreta com o real, deparamo-nos somente com “um animal que existe”, com “um homem existente”, ou com uma “árvore que existe”. Todos estes seres compõem espécies que se distinguem umas das outras pelo fato de cada uma ter uma essência própria.<sup>65</sup> Portanto, dados *atos de existir*, encontrá-los-emos *definidos e determinados* pelas diversas essências que constituem os entes que povoam este mundo. E é justamente em relação à existência destas substâncias que se coloca, de forma inalienável, o problema da distinção, nelas, entre essência e ato de existir (*actus existendi*), já que, em nenhuma delas, a essência se identifica com o ato de existir (*actus existendi*). De fato, a essência de uma árvore é ser uma árvore, de um animal, ser um animal, de um homem, ser um homem. Assim sendo, a existência não se inclui em nenhuma destas essências. Por conseguinte, o fato de elas existirem torna-se um problema inolvidável para o metafísico, já que não possuem em si a razão do seu existir.<sup>66</sup>

Ora bem, já dissemos que o ser (*esse*) é, antes de qualquer coisa, um ato, uma ação ou uma atividade. Aliás, é a primeira e a mais fundamental das ações, pois todas as demais ações de uma natureza procedem dele, tendo em vista que o “(...) agir segue o ser em ato (...)”<sup>67</sup>, e o “(...) o modo de agir (*modus operandi*) de

---

existe de certo modo por direito próprio, como ser cuja essência mesma é o existir.” (A tradução, para o português, é nossa).

<sup>65</sup> *Idem. Ibidem*: “Son, como lo hemos dicho ya, las sustancias concretas, objeto de nuestra experiencia sensible. Ninguna de ellas nos es conocida como un puro acto de existir. Distinguimos a cada una de ellas como siendo ya “un árbol existente”, o “un animal existente”, o “un hombre existente”. Esta determinación específica de los atos de existir, que sitúa a cada uno de ellos en una especie determinada, es precisamente lo que llamamos su esencia.” “São, como já temos dito, as substâncias concretas, objeto de nossa experiência sensível. Nenhuma delas nos é conhecida como um puro ato de existir. Distinguimos cada uma delas como sendo já ‘uma árvore existente’, ou ‘um animal existente’, ou ‘um homem existente’. Esta determinação específica dos atos de existir, que situa cada um deles em uma espécie determinada, é precisamente o que chamamos sua essência.” (A tradução, para o português, é nossa).

<sup>66</sup> *Idem. Ibidem*: “Ahora bien, si se trata de tales seres, los únicos de que tenemos conocimiento empírico, el problema de su existencia se impone ao pensamiento. (...) en un árbol, un animal o un hombre. Su esencia es ser ya un árbol, ya un animal, ya un hombre; em ningún caso su esencia es el existir. El problema de la relación de la esencia con su acto de existir se plantea, pues, de una manera ineluctable respecto de todo ser cuya esencia no sea el existir.” “Agora bem, se se trata de tais seres, os únicos de que temos conhecimento empírico, o problema de sua existência se impõe ao pensamento. (...) uma árvore, um animal ou um homem. Sua essência é ser já uma árvore, já um animal, já um homem; em nenhum caso sua essência é o existir. O problema da relação da essência com seu ato de existir se coloca, pois, de uma maneira inelutável, com respeito a todo ser cuja essência não seja o existir.” (A tradução, para o português, é nossa)..

<sup>67</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. III, LXIX, 10(2450): “(...) *agere sequitur ad esse in actu* (...)”.

toda coisa é uma conseqüência de seu modo de existir (*modum essendi*)<sup>68</sup>. Contudo, ao mesmo tempo, segundo a arguta observação do Prof. Lauand, “(...) o ser não é uma atividade a mais que deriva da natureza de cada coisa. O ser – no sentido de ser-real – está fora e acima da série de características que compõem a essência”<sup>69</sup>. Com outras palavras, a raiz da ação de todas as coisas, isto é, a causa primeiríssima de toda atividade das criaturas não procede da natureza delas, pois o ato de todas as ações é o existir (*esse*) que, precisamente, nenhuma delas possui por essência (*per essentiam*).

Por conseguinte, neste ponto de vista, a vetusta distinção entre *essência* e *existência* recupera, ao menos parcialmente, o seu sentido. Entretanto, melhor seria concebê-la e colocá-la como uma distinção entre essência e ato de existir (*actus existendi*). É o que conclui Gilson: “Tal es también el alcance de la distinción de esencia y existencia, que indudablemente sería mejor llamar distinción de esencia y de existir”<sup>70</sup>.

Com efeito, o que fica estabelecido como certo é que um ente cuja essência não seja ato de ser (*actus essendi*), não existe por direito próprio. Ora, é justamente isto com que nos deparamos na nossa experiência sensível mais imediata. Encontramo-nos, de fato, diante de entes cuja essência não é ato de ser (*actus essendi*). Destarte, tais entes, inobstante existam, poderiam também não existir. Em uma palavra, são entes *contingentes*, isto é, entes cuja essência não implica ou inclui o ato de ser (*actus essendi*). Estes entes, por conseguinte, não têm em si a razão suficiente da sua existência, a saber, o fato mesmo de serem entes. Dito isto, teríamos que colocar em seguida a questão da existência de Deus – ser necessário e *Ipsum Esse Subsistens* –, mas isso já excederia o objeto de estudo deste ensaio.

Passemos às considerações finais deste trabalho.

---

<sup>68</sup> *Idem. Suma Teológica*. I, 89, 1, C. (Os parênteses são nossos); *Idem. Suma Contra os Gentios*. II, VI, 6 (884): “O ato (*actus*), com efeito, é o princípio da ação (*actionis principium est*).” (Os parênteses são nossos); *Idem. Ibidem*. I, XVI, 4 (131): “(...) a coisa age (*agit*) enquanto é ato (*actu*).” (Os parênteses são nossos). *Idem. Ibidem*. I, XXVIII, 4 (265): “Além disso, nenhuma coisa opera (*agit*) senão enquanto está em ato (*actu*).” (Os parênteses são nossos). E ainda *Idem. Suma Teológica*. I, 25, 1, ad 1: “(...) todo ser (*unumquodque*) age (*agit*) enquanto está em ato (*actu*).” (Os parênteses são nossos).

<sup>69</sup> LAUAND. *Op. Cit.* p. 61.

<sup>70</sup> GILSON. *El Tomismo*. 55. “Tal é também o alcance da distinção de essência e existência, que indubitavelmente seria melhor chamar distinção de essência e de existir.” (A tradução, para o português, é nossa).

## Conclusão

Nem a *hyle* (*matéria*), nem a *morphé* (*forma*), nem, tampouco, o *sínolo*, constitui, para Tomás, o núcleo mais íntimo do real. Antes, o pulsar primeiro da realidade – o coração do real –, em Tomás, está no ato de existir (*actus existendi*)<sup>71</sup>, ou seja, naquele ato de ser (*actus essendi*) pelo qual a própria substância (*ousía*) passa a ser um ente (*ens*), um existente. A metafísica tomasiana não se encerra, portanto, no *hilemorfismo* aristotélico. Tomás não deixa de se referir a esta ontologia existencial. Para ele, nas substâncias sensíveis, há duas composições (*compositio*) de potência (*potentia*) e ato (*actus*), a saber, a de matéria e forma, que constitui a substância (*substantia*), e a de substância (*substantia*) e ser (*esse*), *pela qual a substância passa a ser um ente (ens), ou seja, a existir:*

Porém, nas substâncias compostas de matéria e forma há dupla composição de ato e potência: uma, é a da própria substância, que se compõe de matéria e forma; outra, da própria substância (que já é composta) e ser, composição que também pode ser expressa assim: *o que é e ser, ou o que é e pelo qual é.*<sup>72</sup>

Eis, enfim, estabelecida a primazia do *esse*. Isto significa, como diz Tomás, que “(...) o ser (*esse*) é a atualidade (*actualitas*) de todas as coisas (*omnis rei*) (...)”<sup>73</sup>. Ora, com este primado do *ipsum esse*, ultrapassamos o plano da essência, visto que, acima de toda e qualquer forma (que é o *quo est* que determina o *quod est* da

---

<sup>71</sup> *Idem. Ibidem.* pp. 52 e 53: “Así entendido, el acto de existir se sitúa en el corazón o, si se quiere, en raíz misma de lo real. Es, pues, el principio de los principios de la realidad.” “Assim entendido, o ato de existir se situa no coração ou, se se quiser, na raiz mesma do real. É, pois, o princípio dos princípios da realidade.” (A tradução, para o português, é nossa).

<sup>72</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. II, LIV, 3 (1295). Mesmo em relação às substâncias separadas, uma coisa é o *ato de ser* e outra é a substância receptiva deste ato: *Idem. Sobre os Anjos*. 8, 42: “Logo, em todo e qualquer ser – exceto o primeiro – há tanto o próprio ser como ato, quanto a substância que possui o ser da coisa como potência receptiva deste ato que é o ser.” GILSON. **El Tomismo**. p. 52: “En resumen: en la sustancias concretas que son objeto de la experiencia sensible, escalónanse en profundidad dos composiciones metafísicas: la primera, la de la materia y de la forma, constituye la sustancialidad de la sustancia; la segunda, la de la sustancia com el ato de existir, constituye la sustancia como ser, por hacer de ella un existente.” “Em resumo: nas substâncias concretas, que são objeto da experiência sensível, escalam-se em profundidade, duas composições metafísicas: a primeira, a de matéria e forma, constitui a sustancialidade da substância; a segunda, a da substância com o ato de existir, constitui a substância como ser, por fazer dela um existente.” (A tradução, para o português, é nossa).

<sup>73</sup> *Idem. Ibidem.* I, 5, 1, C.



substância, isto é, a sua essência)<sup>74</sup> encontra-se o *ipsum esse*, que é o ato da própria forma, ou seja, o seu *quo est*.

Decir que el existir se comporta como um acto, aun com respecto a la forma – *ad ipsam etiam formam comparatur esse ut actus* – es afirmar la primacia radical de la existencia sobre la esencia.<sup>75</sup>

Fica estabelecido, além disso, que o *ato de ser* (*actus essendi*) não é um agregado à coisa; ao contrário, ele é o que há de mais íntimo em algo, é o que por primeiro deve denominar-se *ser*. E é por isso, aliás, como bem acentua Lauand, que “(...) o *ato de ser* é que é o ponto de partida (...)”, ou seja, partimos dele, exatamente porque ele é “(...) o elemento mais fundamental de todos os entes”<sup>76</sup>. De fato, o *esse* é o que há de mais basilar na substância. Assim é, porque antes de possuir o *ser* (*esse*), a própria essência, que é o *quid est* da *substância*, é um *puro nada*, conforme afirma o próprio Aquinate: “Antes de possuir o *ser* (*esse*), a essência é um *puro nada*”<sup>77</sup>. Ademais, é o *esse* que *determina* a própria forma, que é aquilo que, por seu lado, *determina* e dá unidade existencial à substância. Logo, o *esse* é o que funda a mesma substância no que ela tem de mais íntimo, a saber, a sua *unidade existencial* de matéria e forma: “Ora, o *ser* (*esse*) é o que há de mais íntimo e de mais profundo em todas as coisas, pois é o princípio formal de tudo o que nelas existe (...)”<sup>78</sup>. Conclui Tomás:

O ato primeiro é o *ser* subsistente (*esse subsistens*) por si mesmo. Por isso, todas as coisas recebem o último complemento pela participação no *ser* (*esse*). (...) Por isso, afirmo que o *ser* substancial de todas as coisas não é um acidente, e sim a atualidade de todas as formas existentes, sejam elas dotadas ou não de matéria.<sup>79</sup>

---

<sup>74</sup> A forma, ao determinar a essência (*essentia*), determina também os complementos da essência.

<sup>75</sup> GILSON. **El Tomismo**. p. 52: “Dizer que o existir se comporta como um ato, ainda com respeito à forma – *ad ipsam etiam formam comparatur esse ut actus* – é afirmar a primazia radical da existência sobre a essência.” (A tradução, para o português, é nossa).

<sup>76</sup> LAUAND. *Op. Cit.* p. 63.

<sup>77</sup> TOMÁS DE AQUINO. **De Potentia**. 3, 5, ad 3. In: MONDIN, Battista. **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica**. 2ª ed. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005. p. 219. (O parêntese é nosso).

<sup>78</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. I, 8, 1, C.

<sup>79</sup> *Idem*. **Quodl.** XII, 5, 1. In: MONDIN, Battista. **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica**. 2ª ed. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005. p. 220. (Os parênteses são nossos).

E não é só. Ainda neste sentido, di-lo-á o próprio Tomás que, sendo o esse o que há de mais íntimo no ente, medir-se-á a profundidade de tudo o mais que houver no ente pela sua maior ou menor proximidade do esse.<sup>80</sup> Corolário espontâneo de tudo quanto dissemos é que, para Tomás, não é esse que deriva de *essentia*, mas sim *essentia* que deriva de esse. Com outras palavras ainda, não é correto dizer que algo é (esse), porque é um ser (*ens*), mas, sim, que algo é um ser (*ens*), porque é (esse).<sup>81</sup>

Agora bem, somente quando abordada a partir deste novo conceito de *ser* é que a metafísica tomasiana torna-se digna daquela lapidar constatação feita pelos mais insignes estudiosos do pensamento tomásico do século XX. A eles coube o condão de atestá-la como prenhe de uma verdadeira originalidade em relação às dos seus antecessores: “(...) em metafísica santo Tomás não é mero repetidor de Aristóteles (como ensinavam Caietano e tantos outros exímios comentadores), mas um genial inovador”<sup>82</sup>. Como diz Gilson:

Se se trata de física, de fisiologia ou meteoros, Santo Tomás é apenas aluno de Aristóteles; mas se se trata de Deus, da gênese das coisas e de seu retorno ao criador, santo Tomás é ele mesmo.<sup>83</sup>

Por isso, máxime em *teologia filosófica*<sup>84</sup>, é indispensável considerar e respeitar sempre, aquele “imperativo categórico” – quase axiomático quando se trata da metafísica tomasiana –, declinado por Boehner e Gilson: “(...) importa não perder de vista que os termos e conceitos aristotélicos devem ser interpretados à luz do

<sup>80</sup> TOMÁS DE AQUINO. **De Natura Accidentium**. c.1. 2ª. ed. In: MONDIN, Battista. **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica**. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005. p. 222: “No ente (*ens*), o elemento mais íntimo é o ser (*esse*); depois do ser, vem a forma, graças a cuja mediação o ente (*ens*) possui o ser (*esse*); enfim, vem a matéria (*materia*), que embora sendo o fundamento da coisa encontra-se, porém, mais distante do ser (*esse*) da coisa do que qualquer outro elemento.” (Os parênteses são nossos).

<sup>81</sup> GILSON. **El Tomismo**. p. 63: “*Esse* no deriva de *essentia*, sino *essentia* de esse. No se dice que un objeto cualquiera que es porque es un *ser*, sino más bien, o al menos debería concebérsele así, que es un *ser* porque es. Por eso el existir no es un accidente de la esencia (...).” “*Esse* não deriva de *essentia*, senão *essentia* de esse. Não se diz de um objeto qualquer que é porque é um *ser*, senão, melhor, ou ao menos deveria concebê-lo assim, que é um *ser* porque é. Por isso o existir não é um acidente da essência.” (A tradução, para o português, é nossa).

<sup>82</sup> MONDIN, Battista. **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica**. p. 218.

<sup>83</sup> GILSON, Etienne. **A Filosofia na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. Rev. Carlos Eduardo Silveira Matos. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 657.

<sup>84</sup> O termo “teologia filosófica” é usado pelo próprio Tomás em: TOMÁS DE AQUINO: **Super De Trinitate**. 5, 4, C. Disponível em: <<http://www.corpusthomicum.org/cbt.html>>. Acesso em: 09/04/2011: “Theologia philosophica”.

pensamento de Tomás, e não do de Aristóteles”<sup>85</sup>. Em outras palavras, a metafísica tomasiana não é a metafísica aristotélica, inobstante tenha sido fortemente influenciada por esta: “O que deparamos em S. Tomás não é, pois, um aristotelismo genuíno”<sup>86</sup>. Arremata Mondin:

A perfeição máxima é o ser: não a idéia de ser, mas o ato de ser. Esta é a grande e genial intuição de Tomás de Aquino, que lhe permite construir um novo sistema filosófico, diverso dos de Platão e Aristóteles; sistema totalmente novo, mesmo nos elementos que Tomás aceita de Platão e Aristóteles, porque ele os batiza nas águas lustrais de sua noção de ser.<sup>87</sup>

É por isso que a nós pertence acurarmos sempre mais a questão do *ser como ato* na ontologia do Aquinate, pois, segundo Mondin, “Sua contribuição original está na criação de uma originalíssima filosofia do ser (...)”<sup>88</sup>. Até Tomás, dirá audazmente Mondin, o *ser* havia caído num esquecimento, sendo redescoberto e posto à luz justamente pelo Aquinate, que lhe deu singular deferência na sua síntese:

Tirando o ser daquele profundo esquecimento em que Platão, Aristóteles, Plotino, Agostinho e Avicena o haviam deixado cair, Tomás de Aquino coloca-o no centro do seu poderoso edifício metafísico: seu “discurso essencial” é todo ele um discurso centrado no ser.<sup>89</sup>

E, depois de Tomás, acrescenta também ousadamente Mondin, esta noção de ser tampouco será levada em conta pelos seus sucessores: “Trata-se de um conceito novo, totalmente desconhecido dos filósofos gregos e não levado em conta pelos filósofos modernos”<sup>90</sup>. Destarte, talvez seja precisamente por isso que a concepção tomasiana do ser (*esse*) como *actus essendi* ou *actus existendi* seja o horizonte aberto a alargar e estender a presença e a permanência do pensamento tomásico no século XXI. E, na verdade, o *é*: uma presença viva, fértil e de alcance universal. Declina Gilson:

---

<sup>85</sup> BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História Da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7<sup>a</sup> ed. Trad. Raimundo Vier. Rio de Janeiro: VOZES, 2000. p. 448.

<sup>86</sup> *Idem. Ibidem.*

<sup>87</sup> MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia: Os Filósofos do Ocidente Vol 1**. Trad. Benôni Lemos. Rev. João Bosco de Lavor Medeiros. São Paulo: Paulus, 1982. p. 173.

<sup>88</sup> MONDIN. **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica**. p. 200.

<sup>89</sup> *Idem. Ibidem.* p. 218.

<sup>90</sup> *Idem. Ibidem.* p. 222.

Superando assim o aristotelismo, santo Tomás introduzia na história uma filosofia que, por seu fundo mais íntimo, era irreduzível a qualquer um dos sistemas do passado e, por seus princípios, permanece perpetuamente aberta para o futuro.<sup>91</sup>

Afinal, o que é o ser, senão, como temos dito, ato, atividade. Ora, também “A vida é ato e atividade, vida é dinamismo e fecundidade”<sup>92</sup>. Destarte, a vida apresenta-se para nós, do ponto de vista da natureza (*princípio de operação*), como “(...) a primeira modalidade: depois do ser vem imediatamente o viver”<sup>93</sup>. Sendo assim, como pode envelhecer um pensamento que concebe o ser como *actus essendi*, isto é, como uma fonte de energia que nos move e nos impulsiona, atraindo-nos à ação, inclinando-nos a transformar as realidades que nos cercam, tornando-nos, enfim, um centro de atribuições, seres viventes, porque capazes de agir por si mesmos? O fundamento da obra de Tomás é um pensamento que nos convida à vida, um chamado ao exercício da liberdade responsável, pois ser vivo, mormente em relação ao homem, que, por sua liberdade, pode iniciar cadeias causais autônomas e espontâneas, caracteriza-se pela “(...) capacidade de mover-se por si mesmo. Por isso, (a vida) é um movimento que procede de dentro e não de fora, é um movimento que permanece no sujeito mesmo que o produz (...)”<sup>94</sup>, mas que, ao mesmo tempo, é um veículo que se difunde e repercute nas vidas ao nosso redor. A doutrina do *actus essendi* é um convite, pois, a nós, homens do século XXI, para nos voltarmos à realidade, precisamente ao seu núcleo, ao seu pulmão, que é o ser (esse), cuja primeira manifestação é a vida, desta feita entendida como vocação à ação criativa, isto é, à ação que nasce de nós, seres livres. A chance do pensamento tomásico no século XXI está exatamente em não se esquecer nunca do seu fundamento, a saber, do *ser concebido como actus existendi*, vale dizer, como fonte primeira de onde irrompem todas as nossas ações, bem como a nossa capacidade de sermos inventivos. Se ao menos entendêssemos, como Tomás o entendeu, que o ser é justamente a irradiação desta tendência incessante de produzir o novo, esta abertura vigente que nos faz aspirar, vicejar, gerar, e fazer

---

<sup>91</sup> GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 671.

<sup>92</sup> MONDIN. **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica**. p. 308.

<sup>93</sup> *Idem. Ibidem*. É mister frisar que a vida não é o ser, a ação não é o ser, mas são modalidades do ser. Urge atentar que, se concebermos o ser, pura e simplesmente, como vida ou ação, caímos: ou num “vitalismo” ou num tipo de “existencialismo” completamente estranho a Tomás. O “existencialismo” do século XX, por exemplo, é inteiramente diverso do de Tomás.

<sup>94</sup> *Idem. Ibidem*. p. 309. (Os parênteses são nossos).

nascer, pelos nossos feitos e ditos, o que ainda está por ser feito, vale dizer, a novidade, teríamos a certeza de que o pensamento tomásico não morrerá jamais. Sua noção de ser é intensiva e abrangente, posto que, para ele, o ser se manifesta tanto como o impulso inicial de toda ação ou atividade, como também sendo o intento final de toda ação ou atividade, o seu término natural: “Tudo na trama constitutiva do ente, no seu desenvolvimento e conclusão, tudo procede do ser: o ente forma-se graças ao ser, parte do ser e retorna ao ser”<sup>95</sup>. O ser é o termo, o vértice do real. Uma espécie de energia primordial de onde tudo flui e se mantém. Expressa Mondin:

O ser é, verdadeiramente, a atualidade de qualquer forma ou natureza, o ato primeiro e último de qualquer coisa. (...) O ser está, pois, no fundo da realidade do ente e sustenta-a em todos os seus momentos, modalidades e formas. O ser é, verdadeiramente, a perfeição absoluta, a raiz de todas as perfeições. Cabe ao ser não apenas colocar os entes na ordem dos existentes, mas também dar-lhes tudo aquilo que têm como realidades existentes. O ser é, pois, aquilo que há de mais perfeito na realidade; ou melhor, é o fundamento e o complemento de todas as perfeições, as quais se revelam como participações do ser, como sua fachada externa.<sup>96</sup>

Tomás, enfim, é um *existencialista*. Ele não para na essência (*essentia*), nem no conceito (*conceptus*) que expressa a essência, nem no ente (*ens*), que é aquilo que existe. Para ele, o fundamento está no *ato de ser* (*actus essendi*). Ora, o *ato de ser* (*actus essendi*) como todo ato, é em si mesmo indefinível. Fonte de toda inteligibilidade, ele próprio não pode ser *petrificado* num conceito. E como as proposições e os silogismos que povoam as obras dos filósofos são formados por conceitos, temos que, para Tomás, ninguém pode chegar ao pulsar da realidade mediante unicamente uma *cultura livresca*, pois o *ato de existir* (*actus existendi*) escapa a todo conceito e não pode ser preso por nenhuma cadeia de silogismos. Podemos descrevê-lo, ter dele uma noção, intuí-lo ou descobri-lo no ato do juízo, mas não defini-lo. Ora, isto dá um título de abertura à obra de Tomás, tornando-a sempre *atual*. Ela não é um mosaico de conceitos, nem a consignação de uma “coisificação” da realidade. Seu alicerce, sua coluna, seu pilar é o ser (esse)

---

<sup>95</sup> *Idem. Ibidem.* 222.

<sup>96</sup> *Idem. Ibidem.* pp. 221 e 222.

concebido como ato (*enérgeia*), donde dimana a pujança para toda produção (*poíesis*), ação (*práxis*) e para a própria contemplação (*theoría*).<sup>97</sup> Enfim, do ser (*esse*) procede tudo o que vibra e vivifica. Por isso, segundo pensamos, a leitura de todos os temas tomasianos deve emanar desta medula, a saber, do *esse*, posto que, como diz Gilson acerca da metafísica tomásica:

Quando é reduzida à ordem do conceito, converte-se em uma ciência do ser e da coisa, que é a expressão abstrata do que há de conceptualizável no real. O tomismo, assim concebido, foi objeto de muitas sínteses, das quais uma pelo menos é uma obra mestra, porém seu tomismo não é o tomismo de Santo Tomás, cuja característica é que todo conceito de coisa conota um ato de existir.<sup>98</sup>

Por fim, o mesmo Gilson indica como deve desabrochar, florir e verdejar o jeito de pensar tomasiano nos anos vindouros, a fim de que não se torne uma mera repetição de conceitos abstratos, mas sim uma renovação, sempre inovadora, de retorno à realidade que interpreta:

Em uma filosofia na qual o existir é inconcebível de outra maneira que em e por uma essência, porém em que toda essência assinala um ato de existir, as riquezas concretas são praticamente inesgotáveis. (...) Mantido sobre o plano dos conceitos, o tomismo dedicará todas as suas forças a voltar a começar indefinidamente o inventário daqueles de quem foi herdado. Levado ao plano do juízo, o tomismo voltará a pôr-se em contato com o coração mesmo da realidade que interpreta.<sup>99</sup>

Por mais que, com desvelo, mergulhemos no mistério do *esse*, jamais conseguiremos exaurir toda a sua profundidade.

---

<sup>97</sup> Acerca da semântica dos termos, vide: VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Escritos de Filosofia II: Ética e Cultura**. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2004. pp. 11 a 35.

<sup>98</sup> GILSON. **El Tomismo**. p. 70. "Cuando se la reduce al orden del concepto, conviértese en una ciencia del ser y de la cosa, que es la expresión abstracta de lo que há de conceptualizable en no real. El tomismo, así concebido, ha sido objeto de muchas síntesis, de las cuales una por lo menos es una obra maestra, pero su tomismo no es o tomismo de Santo Tomás, cuya característica es que todo concepto de cosa connota un acto de existir." (A tradução, para o português, é nossa).

<sup>99</sup> *Idem. Ibidem*: "En una filosofía en que el existir es inconcebible de otra manera que en y por una esencia, pero en la que toda esencia señala un acto de existir, las riquezas concretas son prácticamente inagotables. (...). Mantenido sobre el plano de los conceptos, el tomismo dedicará todas sus fuerzas a volver a comenzar indefinidamente el inventario de aquellos de quienes ha heredado. Llevado al plano del juicio, el tomismo volverá a ponerse em contacto con el corazón mismo de la realidad que interpreta." (A tradução, para o português, é nossa).

## **BIBLIOGRAFIA**

BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História Da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7<sup>a</sup> ed. Trad. Raimundo Vier. Rio de Janeiro: VOZES, 2000.

GILSON, Etienne. **A Filosofia na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. Rev. Carlos Eduardo Silveira Matos. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **El Tomismo: Introducción a La Filosofía de Santo Tomás de Aquino**. Trad. Alberto Oteiza Quirno. Buenos Aires: Ediciones Desclée de Brouwer, 1951.

LAUAND, Luiz Jean. **Tomás de Aquino: vida e pensamento – estudo introdutório geral (e à questão “Sobre o verbo)**. In: *Verdade e Conhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MARIE, Joseph Nicolas. **Introdução À Suma Teológica**. Trad. Henrique C. de Lima Vaz et. al. São Paulo: Loyola, 2001.

\_\_\_\_\_. **Vocabulário da Summa Teológica**. Verbetes “Perfeito, Perfeição”. In: TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Trad. Aimom- Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001.

MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia: Os Filósofos do Ocidente Vol 1**. Trad. Benôni Lemos. Rev. João Bosco de Lavor Medeiros. São Paulo: Paulus, 1982.

\_\_\_\_\_. **Glossário dos Principais Termos Teológico-Filosóficos**. In: **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica**. 2<sup>a</sup> ed. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica**. 2<sup>a</sup> ed. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005.

TOMÁS DE AQUINO. **De Natura Accidentium**. 2<sup>a</sup>. ed. In: MONDIN, Battista. **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica**. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. **De Potentia**. In: MONDIN, Battista. **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica**. 2<sup>a</sup> ed. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. **In I Sententiarum.** In: MONDIN, Battista. **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica.** 2ª ed. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. **O ente e a essência.** 2ª ed. Trad. Carlos Arthur do Nascimento. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Quodl.** In: MONDIN, Battista. **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica.** 2ª ed. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. **Sobre os Anjos.** Trad. Luiz Astorga. Rev. Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006.

\_\_\_\_\_. **Suma Contra os Gentios.** Trad. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev. Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. 2 v.

\_\_\_\_\_. **Suma Teológica.** Trad. Aimom- Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001. v. I.

\_\_\_\_\_. **Super De Trinitate.** Disponível em: <http://www.corpusthomicum.org/cbt.html>>. Acesso em: 09/04/2011.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Escritos de Filosofia II: Ética e Cultura.** 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.



This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.